

INSTRUMENTOS PSICOLÓGICOS MAIS CONHECIDOS E UTILIZADOS POR ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA

*Ana Paula Porto Noronha¹
Flávia Nunes de Moraes Beraldo²
Katya Luciane de Oliveira³*

Resumo

O presente estudo objetivou identificar os instrumentos psicológicos mais conhecidos por estudantes e profissionais de psicologia e levantar os instrumentos mais utilizados pela amostra. Participaram 82 alunos último-antistas, de uma universidade particular do interior paulista e 52 profissionais. O material utilizado constituiu-se de uma relação de instrumentos de avaliação psicológica e a tarefa dos sujeitos era assinalar os instrumentos conhecidos, os utilizados, e os desconhecidos. A aplicação se deu no próprio período de aula, com a respectiva autorização da coordenação e dos professores. Para a coleta dos dados dos profissionais formados, os questionários foram enviados pelo correio, pois o instrumento é auto-aplicável. Os resultados indicaram uma diferença entre os grupos no que diz respeito aos instrumentos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais. Estudos comprovam que alguns dos instrumentos mais conhecidos são também os mais freqüentes nos cursos de formação de psicologia. Sugere-se que novas pesquisas desta natureza sejam realizadas.

Palavras Chave: Avaliação psicológica; Instrumentos psicológicos; Testes psicológicos.

WELL-KNOW PSYCHOLOGICAL INSTRUMENTS USED BY PSYCHOLOGY STUDENTS AND PROFESSIONAL

Abstract

This study aimed to identify well-know psychology instruments used by psychology students and professionals and list used instruments in the sample. 82 senior students in a private university of São Paulo countryside participated in the study along with 52 professionals. The material used in this study comprised a setoff psychological assessment instruments and the task assigned to subjects was to check know, used and unknown tools. The task was performed during class hours, authorized by teachers and coordination. To collect data from majored professional, questionnaires were sent by mail because it is a self-applied questionnaire. Results indicated a difference between the 2 groups concerning well-know and used instruments by students and professionals. Studies show that some well-known instruments are also the most frequent in psychology courses. New researches on this topic should be done to gather further data.

Key words: Psychological assessment; Psychological instruments; Psychological tests.

INTRODUÇÃO

Avaliação psicológica é um processo de coleta de dados, cuja realização inclui métodos e técnicas de investigação. Os testes psicológicos, por sua vez, são instrumentos exclusivos do psicólogo e são úteis à medida que, quando utilizados adequadamente, podem oferecer informações importantes sobre os testandos.

Embora na literatura haja registros de que os primeiros testes simples, com estruturas frágeis, tenham sido criados no final do século XIX e apesar de haver mais de um século de história na área, os instrumentos atuais

ainda apresentam falhas e sofrem críticas. Para Almeida (1999) os instrumentos psicológicos não acompanharam o desenvolvimento das demais áreas de conhecimento, como a informática ou a tecnologia, tendo em vista que os instrumentos atuais muito se aproximam dos iniciais.

Em contrapartida, há perspectivas para a superação das dificuldades apresentadas, pois segundo Sisto, Sbardelini e Primi (2001) tal quadro parece estar sendo revertido, considerando que o Conselho Assessor de Psicologia no CNPq definiu a subárea de “Fundamen-

¹ Doutora em Psicologia: ciência e profissão pela PUC-Campinas; Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, da Universidade São Francisco, campus Itatiba-SP.

² Psicóloga, mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco e docente da UNIFENAS.

³ Psicóloga e mestranda bolsista Capes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco.

tos e Medidas em Psicologia” como uma das cinco, dentre dez existentes, que mereceriam atenção e investimentos, o que pode gerar um avanço na área.

A Formação Profissional em Avaliação Psicológica

Formar profissionais competentes não é tarefa fácil. A cada ano muitos psicólogos se formam e devem desenvolver atividades pertinentes à sua atuação profissional, o que inclui a realização da avaliação psicológica; tal atividade representa a psicologia e a difunde na sociedade. Portanto é importante que haja esmero neste trabalho e em todos os outros, a fim de que a ciência psicológica seja mais divulgada reconhecida.

No Brasil, os psicólogos se formam nos cursos promovidos por instituições de ensino superior, com duração de dez/doze semestres, para cursos diurnos/noturnos e, segundo Pfromm Netto (1991), a preparação possui os seguintes objetivos: atender às necessidades do profissional para a atuação; proporcionar ao aluno um conjunto amplo e diversificado de conhecimento, habilidades, atitudes e procedimentos; contribuir para com o processo científico e estimular a produção brasileira de conhecimento.

Embora tais objetivos tenham sido traçados para a formação geral em psicologia, também são pertinentes para a formação específica em avaliação ou em qualquer outra área de conhecimento, considerando que o psicólogo avaliador deve estar preparado para as demandas do mercado profissional, deve conhecer profundamente conceitos teóricos e metodológicos fundamentais e deve contribuir para o progresso da avaliação psicológica.

No entanto, na prática, nem sempre é isto que se encontra. Segundo Buettner (1997) “o que observamos é que o aluno sai da universidade sem a competência necessária para o exercício profissional. Os cursos de graduação, mesmo quando propiciam uma boa formação, o que não ocorre com a grande maioria, enfocam uma formação básica e genérica” (p. 16). Witter, Witter, Yukimitsu e Gonçalves (1992) enfocam que a formação universitária do psicólogo muitas vezes não é ideal, evidenciando a necessidade da busca de um curso de pós-graduação que em parte seria remediativo, porém poucos são os profissionais que buscam uma especialização.

Corroborando a afirmação, Cardoso (1994) aponta que a educação superior não deve ser entendida como

oportunidade de emprego, tendo em vista a qualificação recebida pelo o aluno durante o curso superior, pois de uma forma geral, os alunos chegam ao final do curso com sérias deficiências nas questões teóricas e metodológicas o que resulta em uma baixa qualificação no mercado profissional.

Atualmente a profissão sofre com a constante concorrência de outros profissionais que atuam nos mais diversificados setores como escolas, empresas entre outros. Em parte o profissional tem uma grande contribuição quanto a esta situação, pois quando do término da graduação, os profissionais não dão continuidade à formação, a fim de melhor qualificação profissional. Um profissional desqualificado contribui para uma imagem negativa da profissão. Dentro desta perspectiva, Witter e cols. (1992) destacam que toda profissão tem uma imagem social e com o psicólogo não poderia ser diferente, sendo que tal imagem é construída pelo profissional e está diretamente relacionada com o respeito, autoridade, confiança e espaço de atuação.

Ainda em relação à formação do psicólogo, no trabalho desenvolvido por Rocha Jr. e Sá (1997) pertinente à análise dos currículos de psicologia, de nove universidades brasileiras, verificou-se que a pesquisa e a extensão deveriam estar mais presentes nos cursos, que a formação se volta mais para ações curativas, que preventivas, que a formação é generalista e que, segundo os alunos entrevistados, o currículo não é integrado.

Discussões sobre a questão da formação do psicólogo na psicologia ou especificamente na área de avaliação psicológica não têm faltado. E, segundo Witter (1996) têm interessado aos pesquisadores nacionais e internacionais, uma vez que vêm consolidar as questões relativas à formação e atuação profissional, para que as práticas profissionais se mantenham críticas, atualizadas e atentas às necessidades sociais. Alguns estudos versam sobre a crença de que os testes deveriam ser ensinados de forma integrada com os outros conceitos psicológicos (Kroeff, 1998). Jacquemin (1995) defende que deve existir uma programação mínima básica para a formação e que seja priorizada a qualidade do ensino, e não a quantidade de testes ensinados; e Hays e Wellard (1998) acreditam que é evidente a necessidade de continuidade dos estudos após a graduação, em relação à área.

Portanto, os estudos revelam a necessária modificação em relação aos currículos existentes nas instituições brasileiras de ensino superior, em relação à metodologia de ensino utilizada (quantidade ou quali-

dade) e à criação de cursos de pós-graduação na área. Já em relação aos alunos parece também haver necessidade de maior compromisso com a sua preparação profissional, uma vez que estudos revelam que a proficiência em disciplinas de T.E.P. depende de fatores relacionados aos alunos como motivação, frequência às aulas, participação, capacidade de raciocínio e integração ao ensino superior, dentre outros; e de fatores relacionados à complexidade do conteúdo ensinado (Primi & Munhóz, 1998).

Testes Psicológicos

Os testes psicológicos, apesar de se constituírem em instrumentos úteis ao psicólogo, recebem muitas críticas e vêm sendo questionados. Dentre os estudos recentes que se destinaram a estudar o status do instrumento psicológico, destaca-se o de Noronha (1999) que identificou que grande parte da amostra de psicólogos estudada não utiliza testes psicológicos e que dentre os problemas listados, encontra-se a própria fragilidade do material, o uso inadequado dele e a formação profissional insatisfatória em relação à área. Em outro estudo desenvolvido por Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996), o baixo teor científico dos testes foi denunciado, além da urgente necessidade de melhoria. Almeida, Prieto, Muñiz e Bartram (1998) revelaram que usar materiais inadequados para os objetivos da avaliação, xerocar folhas de resposta, realizar avaliações incorretas, não ter clareza das limitações dos instrumentos, usar testes não adaptados para as diferentes realidades, dentre outros, são os problemas mais delatados na prática dos testes.

Na literatura internacional são freqüentes os estudos sobre o tema. Numa consulta ao *PsycINFO* (1999-2000) é possível encontrar 27554 artigos na área de psicologia, sendo que 11275 são relativos à testes. Já no trabalho desenvolvido por Alchieri e Scheffel (2000) com o objetivo de documentar e resgatar a produção científica brasileira em periódicos nacionais na área de psicologia, foram encontrados 1090 artigos sobre avaliação psicológica num período de seis décadas (1930-1999).

Como se vê é urgente a necessidade de estudos científicos na área, portanto, tendo em vista as questões destacadas o presente trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento que psicólogos e formandos em psicologia têm a respeito dos instrumentos psicológicos. Além disto, o estudo pretende listar os instrumentos mais utilizados pelos sujeitos na sua prática profissional.

MÉTODOS

Participantes

Participaram como sujeitos deste estudo 134 indivíduos entre estudantes de psicologia e psicólogos, que foram divididos em dois grupos, a saber:

Grupo I: alunos últimos anistas do curso de psicologia, de uma instituição de ensino superior particular do interior paulista, representando 61,2% ($N=82$) da amostra. A idade variou de 21 a 49 anos, com média 26,41 ($DP=5,31$). Em relação aos gêneros, 7,32% ($N=6$) eram do sexo masculino e 92,68% ($N=76$) do sexo feminino;

Grupo II: psicólogos, representando 38,8% ($N=52$) da amostra, com idade variando de 23 a 58 anos e média 34,1 ($DP=8,2$). Os sujeitos do sexo feminino representaram 84,6% ($N=44$) da amostra e do sexo masculino, 15,4% ($N=8$). Os sujeitos são formados em média há 7,6 anos ($DP=8,0$).

Vale ressaltar que três sujeitos do *grupo I* não preencheram os dados de identificação e, portanto, não foram computados nestes aspectos.

Instrumentos

Para a viabilização da pesquisa foi utilizada uma relação elaborada pelas autoras, contendo instrumentos de avaliação psicológica. Na relação estavam presentes 169 instrumentos das seguintes editoras: 49 do CEPA, 50 da VETOR, 16 da CASA DO PSICÓLOGO, 12 da EDITES, 8 da CETEPP, 1 da ARTES MÉDICAS, 14 testes estrangeiros, 5 da EDITORIAL PSY, 4 da MESTRE JOURNAL, 1 da MELHORAMENTOS, 1 da ENTRELETRAS e 8 testes de editoras não localizadas.

Os sujeitos tinham quatro possibilidades de resposta para cada instrumento listado, a saber: (a) conheci na graduação / pós-graduação; (b) já utilizei; (c) conheci por procura espontânea; (d) desconheço. Não havia na instrução a obrigatoriedade de que o sujeito assinalasse uma única alternativa por instrumento, portanto as respostas que possuíam mais de uma alternativa foram consideradas, desde que não houvesse incoerências, como o assinalamento de “(a) e (d)”.

Além da relação de instrumentos, o material possuía um quadro para os dados de identificação no que se refere aos seguintes aspectos: idade, sexo, área de atuação e tempo de profissão (no caso de profissionais) e, no caso de alunos, idade e sexo.

Procedimento

Os instrumentos foram aplicados com a devida autorização dos sujeitos. Houve diferentes tipos de procedimento de acordo com os grupos estudados. Para os alunos, os questionários foram aplicados coletivamente, em horário de aula previamente cedida pelo professor, e com a autorização da coordenadora de curso, sendo que a participação era voluntária. As aplicações aconteceram em três salas distintas, de último ano de curso (turnos matutino e noturno).

Para a coleta dos dados dos profissionais formados, os questionários foram enviados pelo correio. Foram encaminhados para 87 psicólogos e foram devolvidos, 48, o que representou 55,2% do total. Juntamente com a relação de instrumentos e a carta de apresentação, foi enviado um envelope selado e etiquetado para facilitar a devolução. Vale ressaltar que fizeram parte do grupo de psicólogos formados 14 alunos de pós-graduação da mesma instituição do grupo de estudantes; para os sujeitos do grupo II, a aplicação foi coletiva, nas mesmas condições do grupo I.

RESULTADOS

Após a coleta de dados, os resultados foram organizados em tabelas, de acordo com os objetivos do estudo. A análise foi realizada a partir da frequência das respostas e das respectivas porcentagens.

Em relação ao primeiro objetivo (identificar os instrumentos psicológicos mais utilizados pelos estudantes e profissionais de psicologia), os resultados revelaram que, para o grupo I, a média de testes conhecidos foi 37,82 ($DP=36,87$) o que indica um conhecimento de 21,82% da relação apresentada. Os 15 instrumentos com maior frequência de resposta foram (Tabela 1): Teste de Apercepção Temática - T.A.T. (97,56%; $N=80$); Raven – Matrizes Progressivas – escala avançada (95,12%; $N=78$); O Desenho da Figura Humana (93,9%; $N=77$); Bender – Teste Gestáltico Viso-Motor (91,46%; $N=75$); Wartegg, Teste de Apercepção Temática para Crianças – C.A.T. (animais) e Raven – Matrizes Progressivas – escala geral (90,24%; $N=74$); Teste de Apercepção Temática para Crianças – C.A.T. / humanas (89,02%; $N=73$); Teste de Zulliger (86,59%; $N=71$); Escala de Maturidade Mental Columbia – CEPA (81,71%; $N=67$); Teste da Árvore (80,49%; $N=66$); Teste de Apercepção Temática para Crianças – suplemento animais, Matrizes Progressivas Coloridas e M.M.P.I. (78,05%; $N=64$) e WISC (59%; $N=71,95$).

Tabela 1: Frequência e respectiva porcentagem dos instrumentos mais conhecidos por estudantes de Psicologia

Nome do Instrumento	F	%
Teste de Apercepção Temática – T.A.T	80	97,56
Raven – escala avançada	78	95,12
O Desenho da Figura Humana	77	93,9
Bender – Teste Gestaltico Viso-Motor	75	91,46
Wartegg	74	90,24
Teste de Apercepção Temática C.A.T- A	74	90,24
Raven – escala geral	74	90,24
Teste de Apercepção Temática C.A.T. - H	73	89,02
Teste Zulliger	71	86,59
Escala de Maturidade Mental Columbia – CEPA	67	81,71
Teste da Árvore	66	80,49
Teste de Apercepção Temática – C.A.T.-A sup.	64	78,05
Matrizes Progressivas Coloridas	64	78,05
MMPI	64	78,05
WISC	59	71,95
Escala de Mat. Mental Columbia – Casa Psicol.	58	70,73
Teste das Fábulas	58	70,73
Rorschach	58	70,73
Teste de Aptidão Mecânica	53	64,63
Fábulas de Düss	49	59,76
16 PF – 5ª edição	45	54,88
WISC III	44	53,66
Bateria Fatorial CEPA	44	53,66
Teste Palográfico	44	53,66
Pré-Bender	40	48,78
PMK	32	39,02
IAR	32	39,02
Teste das Pirâmides das Cores – 14M - Pfister	30	36,59
Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	30	36,59
DAT – Teste de Aptidões Específicas	28	34,15
Teste das Pirâmides das Cores – 24M - Pfister	27	32,93
Escala de Beck	25	30,49
G36 – Teste não Verbal de Inteligência	25	30,49
Bender Hutt	21	25,61
G38 – Teste não Verbal de Inteligência	21	25,61
Os contos de fada e a psicopedagogia	21	25,61
Escala Gesell	20	24,39
WAIS	20	24,39
LIP – Levantamento de Interesses Profissionais	20	24,39
Teste das Cores	19	23,17
Escala Intelig. Stanford-Binet (Terman-Merrill)	19	23,17
IFP – Inventário Fatorial de Personalidade	18	21,95
AC – Teste de Atenção Concentrada	18	21,95
RF – Reprodução de Figuras	17	20,73
INV	16	19,51
Teste de Aptidão Mecânica	16	19,51
Teste de Goodenough	16	19,51
Teste Piaget-Head	16	19,51
GEIST – Inventário Ilustrado de Interesses	15	18,29
IDATE	15	18,29
Inventário Profissional de Interesses	15	18,29
WPPSI	15	18,29
BTAG – Bateria de Testes de Aptidão Geral	14	17,07
Kuder – Inventário de Interesses	14	17,07
Questionário de Orientação Individual	14	17,07

Teste de Organização Percepto-Motora	14	17,07	PMK	41	78,8
AC15 – Teste de Atenção Concentrada	14	17,07	CAT – A (suplemento)	40	76,9
BPR-5	13	15,85	Bateria Fatorial CEPA	39	75
CIA	13	15,85	Teste Raven de Operações Lógicas	38	73,1
DHP – Teste Diagnóstico Habilidade Pré-escolar	13	15,85	Teste das Pirâmides das Cores-14M	38	73,1
Teste Prontidão Leitura	13	15,85	Matrizes Progressivas Coloridas	38	73,1
Test Guest Visomotor (Lauretta Bender)	12	14,63	WAIS	37	71,1
IAT – Inventário de Atitudes do Trabalho	12	14,63	Escala de Inteligência Stanford-Binet	35	67,3
D48	12	14,63	D-48	35	67,3
IDATE-C	12	14,63	16 PF – 5ª. edição	33	63,5
Teste Projetivo Omega	12	14,63	DAT	33	63,5
SAT – Teste de Apercepção para Idosos	11	13,41	INV	32	61,5
Teste de Prontidão para Alfabetização	10	12,2	Pré-Bender	31	59,6
ADT – Inventário de Administração de Tempo	10	12,2	Cubos de Kohs	31	59,6
ESI – Escala de Stress Infantil	10	12,2	Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	30	57,7
D2 – Teste de Atenção Concentrada	10	12,2	Teste das Fábulas	29	55,8
HTM – Teste Habilidade para Trabalho Mental	10	12,2	Benton	28	53,8
QVI – Questionário Vocacional de Interesses	10	12,2	Escala de Beck	27	51,9
R1 – Teste não Verbal de Inteligência	10	12,2	Kuder – Inventário de Interesses	27	51,9
			Test Guest Vismotor	25	48,1
			Fábulas de Düss	24	46,2
			Teste Palográfico	24	46,2
			Teste das Pirâmides das Cores-24M	24	46,2
			Teste de Prontidão para Leitura	23	44,2
			Bender Hutt	22	42,3
			LIP	22	42,3
			Teste das Cores	21	40,4
			Escala de Gesell	21	40,4
			WPPSI	21	40,4
			Teste de Goodenough	20	38,5
			CIA	20	38,5
			AC	19	36,5
			Teste Metropolitano de Prontidão	19	36,5
			Inventário de Sintomas de Stress – ISSL	19	36,5
			IDATE	18	34,6
			Teste de Organização Percepto-Motora	18	34,6
			D-70	18	34,6
			Teste Piaget-Head	18	34,6
			R-1	17	32,7
			Teste de Aptidão Mecânica	16	30,8
			IDATE-C	16	30,8
			Questionário Vocacional de Interesses	16	30,8
			IFP – Inventário Fatorial de Personalidade	16	30,8
			Inventário Profissional de Interesse	15	28,8
			Teste de Reproduções de Figuras	15	28,8
			GEIST – Inventário Ilustrado de Interesses	14	26,9
			Escala de Stress Infantil	14	26,9
			Questionário Desiderativo	14	26,9
			ACRE	14	26,9
			Bateria de Testes de Aptidão Geral	13	25
			IAR	13	25
			R-2	13	25
			Teste de Prontidão para Alfabetização	12	23,1
			Inventário de Atitudes de Trabalho	12	23,1
			BBT	12	23,1
			Teste Diagnóstico de Habilidade pré-escolar	12	23,1
			Teste de Maturidade para Leitura	12	23,1
			Escala de Maturidade para a Escolha Profissional	12	23,1
			AC 15	11	21,2
			Diagnóstico Organizacional	11	21,2
			Teste de Desempenho Escolar	11	21,2

A média de testes conhecidos do grupo II foi 48,79 ($DP=18,2$), o que indica um conhecimento de 28,87% da lista de instrumentos apresentada. A Tabela 2 apresenta os instrumentos mais conhecidos pelos sujeitos deste grupo, sendo que os 15 instrumentos mais freqüentemente identificados pelos sujeitos foram: WISC (98,1%; $N=51$); Rorschach, Teste de Zulliger e Desenho da Figura Humana (98,1%; $N=48$); Raven – escala geral e escala avançada, Bender e Teste de Apercepção Temática (88,5%; $N=46$); Teste de Wartegg, C.AT. animal e humano e Teste da Árvore (86,5%; $N=45$); WISC III, M.M.P.I. e Escala de Maturidade Mental Columbia (82,7%; $N=43$).

Tabela 2: Freqüência e respectiva porcentagem dos instrumentos mais conhecidos por psicólogos.

Nome do Instrumento	F	%
WISC	51	98,1
Rorschach	48	92,3
Zulliger	48	92,3
O Desenho da Figura Humana	48	92,3
Raven Matrizes Progressivas-escala geral	47	90,4
Raven Matrizes Progressivas-escala avançada	46	88,5
Bender-Teste Gestaltico Visomotor	46	88,5
Teste de Apercepção Temática – T.A.T.	46	88,5
Teste Wartegg	45	86,5
CAT – Animais	45	86,5
CAT – Humanas	45	86,5
Teste da Árvore	45	86,5
WISC III	43	82,7
MMPI	43	82,7
Escala de Mat. Mental Columbia – CEPA	43	82,7
Escala de Mat. Mental Columbia – Casa Psicol.	42	80,8
G-36– Teste não Verbal de Inteligência	41	78,8
G-38– Teste não Verbal de Inteligência	41	78,8

Como chefiar?	10	19,2
Questionário de Personalidade de Dadahie	10	19,2
QUATI	10	19,2
BPR-5	10	19,2
Phillipson – Teste de Relações Objetivas	10	19,2

Tais dados estão presentes em outros estudos de natureza semelhante, como o proposto por Alves, Alchieri e Marques (2001), em que T.A.T., Raven, WISC, HTP, C.A.T., Bender e Rorschach aparecem como os testes mais ensinados em 64 cursos de graduação. Por outro lado, no trabalho desenvolvido por Vasconcelos e Toledo de Santana (2001), além de Raven, HTP, Desenho da Figura Humana, T.A.T. e Rorschach, dois outros instrumentos que tiveram porcentagens pequenas no presente estudo, apareceram como parte do conteúdo das disciplinas na Universidade Federal da Paraíba (INV e LIP).

Comparando os resultados dos grupos I e II, observa-se que, da relação de 15 instrumentos mais conhecidos, dois do grupo I (C.A.T. animais suplemento e Matrizes Progressivas Coloridas) não aparecem na lista do grupo II, e vice-versa (Rorschach e WISC III). O destaque vai para o Rorschach que é o segundo mais conhecido (92,3%) entre os sujeitos formados e que não figura entre os mais conhecidos entre alunos últimos anistas; tal fato certamente se explica pela ausência desses testes na formação dos sujeitos.

Em relação aos instrumentos menos pontuados, os que seguem não foram identificados por nenhum sujeito do grupo de estudantes: Lendo e Escrevendo, STAXI – Inventário de Expressão de Raiva Traço-estado, Teste Prontidão Horizontes, VIG – Bateria Burocrática, Escala de Avaliação do Comportamento Infantil para Professor, Escala Fatorial de Ajustamento Emocional-Neuroticismo e Teste de Quadros para Adolescentes. Já no grupo de psicólogos, três outros instrumentos não foram identificados: OPK – Teste de Agradabilidade Básica, Coordenação Bi-manual e Teste Locus de Controle – Rotter.

Quanto ao segundo objetivo do estudo (identificar os instrumentos mais utilizados pelos sujeitos), os resultados estão apresentados na Tabela 3. Os instrumentos mais utilizados são também os instrumentos mais conhecidos pelos estudantes de uma maneira geral. A seguir encontra-se a seqüência dos instrumentos mais utilizados e entre parênteses apresenta-se a posição em relação aos instrumentos mais conhecidos: Teste de Apercepção Temática – T.A.T. (1), O Desenho da Fi-

gura Humana (3), Teste de Zulliger (9), Bender – Teste Gestáltico Viso-Motor (4), Teste da Árvore (11), C.A.T. A (6), Escala de Maturidade Mental Columbia (10), C.A.T. H (8), C.A.T. S (11), Matrizes Progressivas – escala geral (6), Matrizes Progressivas – escala avançada (2), Teste de Wartteg (5), Teste das Fábulas (16), M.M.P.I. (11) e Matrizes Progressivas Coloridas (11).

Tabela 3: Frequência e respectiva porcentagem dos instrumentos mais utilizados por estudantes de Psicologia.

Nomes dos Instrumentos	F	%
Teste de Apercepção Temática – T.A.T. A	50	60,98
O Desenho da Figura Humana	44	53,66
Teste Zulliger	43	52,44
Bender – Teste Gestáltico Visomotor	43	52,44
Teste da Árvore	43	52,44
Teste de Apercepção Temática C.A.T. A	31	37,8
Escala de Maturidade Mental Columbia - CEPA	28	34,15
Teste de Apercepção Temática C.AT. H	27	32,93
Teste de Apercepção Temática C.A.T.A – suplem.	23	28,05
Raven – escala geral	23	28,05
Raven – escala avançada	21	25,61
Wartegg	19	23,17
Teste das Fábulas	19	23,17
MMPI	19	23,17
Matrizes Progressivas Coloridas	16	19,51
Escala Maturidade Mental Columbia – Casa Psic.	16	19,51
Fábulas de Düss	15	18,29
WISC	10	12,2
Teste Palográfico	9	10,98
BPR-5	9	10,98
16 PF – 5ª edição	9	10,98
AC – Atenção Concentrada	9	10,98
Bateria Fatorial CEPA	8	9,76
Pré-Bender	7	8,54
IAR	7	8,54
IAT Inventário Atitudes para o Trabalho	7	8,54
PMK	7	8,54
Teste Raven de Operações Lógicas	7	8,54
LIP – Levantamento de Interesses Profissionais	6	7,32
Bender Hutt	6	7,32
Teste Piaget-Head	5	6,1
G36 Teste não Verbal d Inteligência	5	6,1
Rorschach	4	4,88
Teste de Organização Percepto-Motora	4	4,88
ACRE	4	4,88
G38 Teste não Verbal de Inteligência	4	4,88
WISC III	4	4,88
Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	3	3,66
Teste de Aptidão Mecânica	3	3,66
Teste de Goodenough	3	3,66
IDATE	2	2,44
Questionário de Orientação Individual	2	2,44
INV	2	2,44
AC15 – Teste de Atenção Concentrada	2	2,44
Teste Metropolitano de Prontidão	2	2,44

Teste das Pirâmides das Cores – 24M – Pfister	2	2,44
Diagnóstico Organizacional	2	2,44
Escala de Gesell	2	2,44
IFP – Inventário Fatorial de Personalidade	2	2,44
Inventário de Sintomas de Stress de LIPP	2	2,44
Inventário Profissional de Interesses	2	2,44
D70	2	2,44
Escala de Intelig. Stanford-Binet (Terman-Merrill)	2	2,44
D48	2	2,44
Kuder – Inventário de Interesses	2	2,44
Teste das Cores	2	2,44
Prontidão de Leitura	2	2,44
RF – Reprodução de Leituras	2	2,44
Benton – Teste de Retenção Visual	1	1,22
BTAG – Bateria de Testes de Aptidão Geral	1	1,22
BTBC – Bateria dos Conceitos Básicos de Bohem	1	1,22
CIA	1	1,22
Cubos de Kohs	1	1,22
EDDP – Escore Deteriorização Desenho da Pessoa	1	1,22
MM – Teste as Minhas Mãos	1	1,22
Teste de Maturidade para Leitura	1	1,22
APO – Área, Profissões e Objetos	1	1,22
EMEP –Escala de Maturidade Escolha Profissional	1	1,22
Escala de Personalidade de Comrey	1	1,22
Kit brinquedos e brincadeiras para o bebê	1	1,22
Os contos de fada e a psicopedagogia	1	1,22
QUATI – Questionário de Avaliação Tipológica	1	1,22
QVI – Questionário Vocacional de Interesses	1	1,22
R-1 Teste não Verbal de Inteligência	1	1,22
R-2 Teste não Verbal de Inteligência	1	1,22
RLN Raciocínio Lógico Numérico	1	1,22
TC Teste de Destreza Digital	1	1,22
TEPEM Teste de Prontidão Emocional para Motorista	1	1,22
Teste dos Relógios	1	1,22
Teste Prontidão para Alfabetização	1	1,22
Teste das Pirâmides das Cores 14M – Pfister	1	1,22
ADT Inventário de Administração de Tempo	1	1,22
Questionário Desiderativo	1	1,22
Coordenação Bi-manual Edites	1	1,22
Relações Lógicas – raciocínio lógico	1	1,22
D2 Teste de Atenção Concentrada	1	1,22
MTB série Both de testes manuais	1	1,22
Escala de Beck	1	1,22
Teste de Symonds	1	1,22
Teste de Szondi	1	1,22
WAIS Escala de Inteligência Wechsler para Adultos	1	1,22
WPPSI Escala Wechsler de Inteligência Pré-escolares	1	1,22
TAA Teste de Aptidão Acadêmica	1	1,22
Test de Luscher	1	1,22
TIPITI exame de linguagem	1	1,22
Teste de Liderança Situacional	1	1,22

Quanto aos resultados do grupo II, eles possuem as mesmas características observadas no grupo I, ou seja, os instrumentos mais conhecidos também aparecem como os mais utilizados. Os dados estão apresentados na Tabela 4 e a seguir encontram-se os mais citados: WISC (1); O Desenho da Figura Humana (4); Teste de Apercepção Temática (8); Escala de Maturidade Men-

tal Columbia - CEPA (15); Teste de Wartegg (9); C.A.T. humanas (11); Teste da Árvore (12); Bender (7); Raven-Matrizes Progressivas – escala geral (5); Bateria Fatorial CEPA (21); Raven – Matrizes Progressivas –escala avançada (6); C.A.T. animais (10); M.M.P.I. (14), Rorschach (2) e Inventário de Interesses Angelini e Thurstone. Vale destacar que os valores entre parênteses indicam as posições dos instrumentos mais conhecidos pelos psicólogos.

Tabela 4: Frequência e respectiva porcentagem dos instrumentos mais utilizados por psicólogos.

Nomes dos Instrumentos	F	%
WISC	28	53,8
O Desenho da Figura Humana	28	53,8
Teste de Apercepção Temática	26	50
Escala de maturidade Mental Columbia - CEPA	26	50
Teste de Wartegg	25	48,1
C.A.T. humanas	23	44,2
Teste da Árvore	23	44,2
Bender	21	40,4
Raven – Matrizes Progressivas – escala geral	21	40,4
Bateria Fatorial CEPA	20	38,5
Raven – Matrizes Progressivas – escala avançada	19	36,5
C.A.T. animais	18	34,6
M.M.P.I.	16	30,8
Rorschach	15	28,8
Inventário de Interesses Angelini e Thurstone	15	28,8
Escala de Maturidade Mental Columbia –Casa do Psic.	14	26,9
Pré-Bender	14	26,9
PMK	13	25
Matrizes Progressivas Coloridas	13	25
WISC III	13	25
G-36	12	23,1
Zulliger	11	21,1
16 PF	11	21,1
G-38	11	21,1
Teste Palográfico	10	19,2
WAIS	10	19,2
D-48	10	19,2
Kuder	10	19,2
INV	10	19,2
DAT	9	17,3
Fábulas de Düss	9	17,3
Test Guest Visomotor	9	17,3
Escala de Inteligência Stanford-Binet	8	15,4
Teste Piaget-Head	8	15,4
LIP	8	15,4
Teste Metropolitano de Prontidão	7	13,5
Teste de Goodenough	7	13,5
Teste de Prontidão para Leitura	7	13,5
Questionário Vocacional de Interesse	7	13,5
Teste das Fábulas	6	11,5
C.A.T. Animais suplemento	6	11,5
CIA	6	11,5

Teste Raven de Operações Lógicas	5	9,6	Lendo e Escrevendo	1	1,9
Cubos de Kohs	5	9,6	Questionário Íntimo	1	1,9
Teste das Cores	5	9,6	R-2	1	1,9
Teste de Organização Percepto-Motora	5	9,6	Raciocínio Lógico-Numérico	1	1,9
Teste de Prontidão para Alfabetização	5	9,6	SSO de Liderança	1	1,9
Teste das Pirâmides das Cores – 14M	5	9,6	Teste de Destreza Digital	1	1,9
Teste das Pirâmides das Cores – 24M	5	9,6	Teste Becasse de Maturidade Escolar	1	1,9
IAT	4	7,7	Teste de Mandala de Palavras	1	1,9
IFP	4	7,7	Teste Projetivo Sonoro	1	1,9
D-70	4	7,7	Teste de Estruturas Vocacionais	1	1,9
Escalas de Beck	4	7,7	Inventário de Administração do Tempo	1	1,9
Benton	4	7,7	Escala de Stress Infantil	1	1,9
Teste Diagnóstico de Habilidade Pré-escolar	4	7,7	Figuras Complexas de Rey	1	1,9
Teste de Aptidão Mecânica	4	7,7	Questionário de Saúde Geral	1	1,9
ACRE	4	7,7	Questionário Desejativo	1	1,9
R-1	4	7,7	Teste do Desenho de Silver	1	1,9
QUATI	4	7,7	Teste de Desempenho Escolar	1	1,9
AC 15	3	5,8	Bateria TSP	1	1,9
Escala de Maturidade para Escolha Profissional	3	5,8	BBT	1	1,9
Teste de habilidade para o Trabalho Mental	3	5,8	Escala de Hamilton	1	1,9
Questionário Confidencial	3	5,8	Teste de Relações Objetivas	1	1,9
Teste Eqüicultural de Inteligência – escala 2	3	5,8	Teste de Szondi	1	1,9
Diagnóstico Organizacional	3	5,8	Diagnóstico do Desenvolvimento	1	1,9
Escala de Gesell	3	5,8	Diagnóstico Tipológico Organizacional	1	1,9
Inventário de Expectativas sobre o Álcool	3	5,8	Teste de Atenção Difusa	1	1,9
BPR-5	3	5,8	Test de Luscher	1	1,9
Inventário Profissional de Interesses	3	5,8	Teste de Quadros para Adolescentes	1	1,9
Teste de Rapidez Numérica	3	5,8			
Bender Hutt	3	5,8			
WPPSI	3	5,8			
Teste de Apercepção para Idosos	3	5,8			
IAR	3	5,8			
Teste de Compreensão Mecânica	3	5,8			
Inventário de Interesses Bessa-Tramer	3	5,8			
Lista de problemas Pessoais de Mooney	3	5,8			
Como chefiar?	2	3,8			
EDDP	2	3,8			
GEIST	2	3,8			
IDATE	2	3,8			
Teste de Reproduções de Figuras	2	3,8			
TIPITI	2	3,8			
Escala Fatorial de Ajustamento em.-neuroticismo	2	3,8			
Teste de Symonds	2	3,8			
Teste de Maturidade para Leitura	2	3,8			
PHD	2	3,8			
Inventário de Sintomas de Stress – ISSL	2	3,8			
O desenvolvimento do comportamento no 1 ano	2	3,8			
Teste de Rapidez Numérica	2	3,8			
Bateria de Testes de Aptidão Geral	1	1,9			
Cornell Index	1	1,9			
Escala de Preconceito Profissional	1	1,9			
IDATE C	1	1,9			
Teste de Nível Mental	1	1,9			
Questionário de orientação Individual	1	1,9			
Teste Eqüicultural de Inteligência – escala 3	1	1,9			
Teste de Sondagem Intelectual	1	1,9			
Teste Projetivo Ômega	1	1,9			
AC	1	1,9			
Área, Profissões e Objetos	1	1,9			
Coleção Papel de Carta	1	1,9			
Escalas de Personalidade de Comrey	1	1,9			

Comparando os dois grupos, é possível observar que muitos dos instrumentos aparecem como os mais utilizados em ambos os grupos, exceto os seguintes que aparecem como mais frequentes em apenas um: Teste de Zulliger, C.A.T. animais suplemento, Teste das Fábulas e Matrizes Progressivas Coloridas (grupo I); WISC, Bateria Fatorial CEPA e Rorschach (grupo II).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar os instrumentos mais conhecidos e utilizados pelos psicólogos e por estudantes de psicologia. Constatou-se, a partir da análise dos dados, que os instrumentos mais conhecidos são também os mais utilizados, na grande maioria das vezes, com alguma variação na seqüência apresentada em uma ou outra situação, por ambos os grupos.

Tal constatação, já esperada, confirma a tendência de se reproduzir o conhecido e dominado, e a falta de abertura para o novo. Por mais que isso esteja presente em diferentes áreas de conhecimento, a consequência é complicada e desastrosa, pois se perpetua o ensino das mesmas técnicas e não se possibilita que concepções mais recentes sejam integradas à prática profissional, sem que, por outro lado, as boas técnicas antigas

sejam valorizadas. Almeida (1999) aponta que o fraco diálogo entre investigadores e profissionais impede o avanço dos testes psicológicos, e que o desenvolvimento deste instrumental está fortemente associado ao desenvolvimento do país, portanto países em ascensão tendem a oferecer melhores e mais novos materiais.

Outro dado merece atenção. A diferença encontrada entre os grupos no que diz respeito ao conhecimento dos instrumentos, revelou-se pequena, o que remete àquela discussão que evidencia que apenas uma parcela da comunidade de psicólogos se atualiza e continua a estudar, enquanto grande parte se satisfaz com os conhecimentos adquiridos na graduação.

Pesquisas futuras poderiam ser realizadas a fim de se levantar a qualidade dos instrumentos que estão sendo ensinados nos vários cursos de graduação nas universidades brasileiras, pois como sugere Castro (2001) a avaliação sobre os elementos inerentes ao processo ensino-aprendizagem de disciplinas de avaliação psicológica, é sempre oportuna, uma vez que pode gerar reflexões sobre estratégias de ensino, de forma a valorizar e consolidar o papel das técnicas na formação do psicólogo. No estudo desenvolvido por Wechsler e cols. (2000) entre estudantes universitários, com o objetivo de identificar as necessidades de pesquisa em avaliação psicológica, WISC, Bender, Columbia, HTP e Rorschach foram considerados os testes que mais necessitam de pesquisas no Brasil. Certamente, os sujeitos se basearam nos instrumentos ensinados nas suas respectivas formações profissionais para poder avaliar, o que pode sugerir que o universo de conhecimento é também restrito e parcial.

REFERÊNCIAS

- Alchieri, J. C., & Scheffel, M. (2000). Indicadores da produção científica brasileira em avaliação psicológica: resultados da elaboração de uma base de dados dos artigos publicados em periódicos brasileiros de 1930 a 1999. *Anais do V Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica – teorização e prática e VIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica – formas e contextos*. PUC Minas, Belo Horizonte/MG, 99-100.
- Almeida, L. S. (1999). Avaliação psicológica – exigências e desenvolvimentos nos seus métodos. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.) *Avaliação Psicológica – perspectiva internacional* (pp. 41-55). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Em contrapartida, não é exequível que muitos ou todos os instrumentos sejam discutidos ao longo da graduação, tendo em vista que o número de instrumentos não permite e que a prioridade é a qualidade de ensino, em detrimento da quantidade de técnicas. Em relação ao tema, Alves (2001) procurou avaliar, de maneira ampla, o ensino das técnicas de exame psicológico. O estudo revelou que os professores ensinam mais instrumentos do que é considerado como básico ou mínimo pelos próprios e que há pouca diferença entre a lista de instrumentos psicológicos efetivamente ensinados e a lista daqueles que foram considerados como mais indicados para o ensino e, sob esta perspectiva, erroneamente poderia se dizer que o ensino em avaliação psicológica está satisfatório.

Para Pasquali (1999) o descrédito que ainda se encontra atualmente em relação aos instrumentos psicológicos, muito se deve à deficiente formação na área. O autor acredita que, embora a pesquisa na área ainda seja incipiente, os poucos pesquisadores que estão trabalhando, de alguma forma, já estão incomodando a classe de psicólogos, no que se refere ao problema da instrumentalização, da qualidade, do uso e da melhoria de testes psicológicos.

O presente estudo constituiu-se num trabalho de levantamento e, embora este tipo de metodologia ainda receba críticas, mudanças se fazem a partir da reflexão de conjuntos de dados que revelam os diferentes estados das áreas de conhecimento. Portanto, estudos desta natureza são ainda importantes na área de avaliação psicológica para que as mudanças aconteçam e sejam pautadas nos dados já estudados.

- Almeida, L. S., Prieto, G., Muñiz, J., & Bartram, D. (1998). O uso dos testes em Portugal, Espanha e países Iberoamericanos. *Psychologica*, 20, 27-40.
- Alves, I. C. B., Alchieri, J. C., & Marques, K. (2001). Panorama Geral do Ensino das Técnicas de Exame Psicológico no Brasil. *I Congresso de Psicologia Clínica - Programas e Resumos*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 10-11.
- Alves, I. C. B. (2001). O ensino das Técnicas de Exame Psicológico de Acordo com os Professores. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação psicológica*. Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 62.
- Azevedo, M. M., Almeida, L. S., Pasquali, L., & Veiga, H. M. S. (1996). Utilização dos testes psicológicos no Brasil: da-

- dos de estudo preliminar em Brasília. Em L. S. Almeida e cols. *Avaliação Psicológica: formas e contextos* v. IV (pp. 213-219). Braga, Portugal.
- Buettner, G. E. V. (1997). Por que a formação continuada? In CRP – *Jornal do CRP*, ano 17 (107), 2-4.
- Cardoso, S. M. V. (1994). *A prática docente no ensino superior particular noturno: um estudo de caso*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Castro, P. F. (2001). Reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem no método Rorschach na realidade brasileira. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação psicológica*. Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 59-60.
- Hays, R., & Wellard, R. (1998). In training assessment in postgraduate training for general practice. *Medical Education*, 32 (5), 507-513.
- Jacquemin, A. (1995). Ensino e pesquisa sobre testes psicológicos. *Boletim de Psicologia*, XLV (102), 19-21.
- Kroeff, P. (1998). Síntese de posicionamentos a serem feitos quanto ao uso de testes psicológicos em Avaliação Psicológica. *Anais da 18ª Reunião Anual de Psicologia. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 535-537.
- Noronha, A. P. P. (1999). *Avaliação Psicológica: usos e problemas com ênfase nos testes*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia, PUC-Campinas.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração*. LabPAM/ IBAPP, Brasília.
- Pfromm Netto, S. (1991). *Psicologia e guia de estudo*. E.P.U: São Paulo.
- Primi, R., & Munhóz, A. M. H. (1998). Um estudo sobre proficiência na disciplina Técnicas de Exame Psicológico (TEP). *Psico-USF*, 3 (2), 75-86.
- Rocha Jr., L., & Sá, A. A. (1997). Currículos de Psicologia: uma análise crítica. *Anais do I Encontro sobre Psicologia Clínica*. Universidade de Mackenzie, 145-147.
- Sisto, F. F., Sbardelini, E. T. B., & Primi, R. (2001). *Contextos e questões da avaliação psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vasconcelos, Z. B., & Toledo de Santana, C. M. (2001). O Ensino das Técnicas de Exame Psicológico na Universidade Federal da Paraíba. *I Congresso de Psicologia Clínica – programas e resumos*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 207-208.
- Wechsler, S. M., Siqueira, L. G. G., Reis, C. L., Barbosa, N. C., Schelini, P. W., Nakano, T. C., Kodama, M. C., Merlin, M. S., Costa, A. C. G., Leal, M. G., Nogueira, C. M., Zia, K. P., Rodrigues, R. R., & Reani, P. R. T. (2000). Percepção da Necessidade de Pesquisas em Avaliação Psicológica. *Anais do V Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica e VIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica*. PUC Minas, Belo Horizonte, 53.
- Witter, G.P., Witter, C., Yukimitsu, M. T. C. P., & Gonçalves, C. L. C. (1992). Atuação do psicólogo escolar e educacional no Brasil: perspectivas através de textos (1980-1992) Em A. L. Francisco., C. R. Klomfahs., N. M. D. Rocha (Orgs.). Conselho Federal de Psicologia - *Psicólogo Brasileiro construção de novos espaços* (pp.23-53). São Paulo: Átomo.
- Witter, C. (1996). *Psicologia escolar: produção científica, formação e atuação* (1990-1994). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Recebido em: 02/05/02

Revisado em: 16/06/02

Aprovado em: 29/10/02